Acervo ISA

29/3/98 JB 14

Sertanista lança livro sobre os pajés do Xingu

■ Orlando Villas Bôas vai revelar toda a sabedoria dos índios

ANTONIO XIMENES
Agência JB

SÃO PAULO – Os grandes guerreiros das 18 nações indígenas do Parque Nacional do Xingu sabem do poder das onças. Rápidos, misteriosos, pacientes e aguerridos, esses animais são temidos e respeitados pelos índios. Não é por acaso que duas cabeças de onças estão estrategicamente colocadas na sala de trabalho do sertanista Orlando Villas Bôas, de 84 anos, que está escrevendo o livro *A arte dos pajés*, a ser lançado em abril.

A obra estava sendo feita em parceria com o irmão Cláudio Villas Bôas, que morreu recentemente aos 82 anos. " A minha responsabilidade aumentou. Era ele quem dava o tom da obra, porque o conhecimento que tinha sobre o universo espiritual dos índios era extraordinário", diz Orlando.

O livro é uma viagem interior à sabedoria mística dos índios. "Depois de mais de 48 anos convivendo com os índios aprendemos que magia e realidade têm o mesmo peso na cultura deles. Se há algo comum a todos os povos do Xingu é o respeito aos ancestrais e às entidades espirituais."

Depois da morte de Cláudio, os filhos de Orlando, Villas Bôas Filho, de 27, e Noel, de 22, encontraram no apartamento do tio vários manuscritos sobre o tema.

"O Cláudio era o mais filosófico de todos nós. Além de conhecer os rituais dos pajés, ervateiros e feiticeiros como nenhum outro homem branco, tinha o hábito de fazer anotações. É sobre estes textos que estou trabalhando."

Para os índios do Parque Nacional do Xingu, o sertanista morto já é considerado um espírito do bem. Tanto que, em julho, será realizado um Quarup em sua homenagem.

"Não perco esta cerimônia por nada deste mundo", comenta Orlando, que pretende levar a família (dona Marina e os dois filhos) à festa indígena.

Os irmãos Villas Bôas publicaram 13 livros. Este vai ser o 14º, mas engana-se quem pensa que será o último. Depois de *A arte dos pajés* será lançado *Crianças do Xingu*. O livro é sobre a infância dos índios da região. Segundo Orlando, os textos serão acompanhados por mais de 50 fotos originais de crianças das nações indígenas do Xingu.

Travessura – "Será uma homenagem à pureza, integridade e alegria da vida. A criança, entre os índios, tudo pode. Ninguém está autorizado a puni-la por maior que seja a travessura que tenha feito, como incendiar a aldeia por exemplo", observa o sertanista.

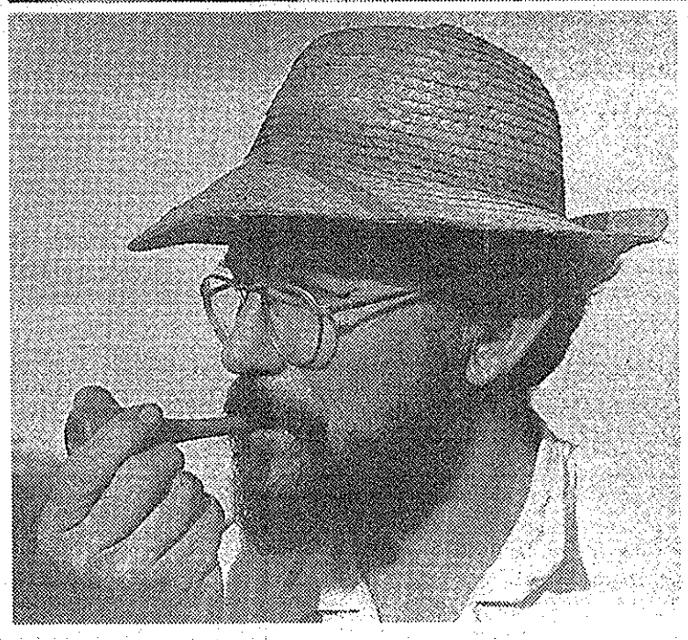
Orlando diz que a obra se concentra nos pajés porque eles são o elo mais importante de ligação entres os índios e as divindades do bem. O pajé, diferentemente do feiticeiro, trabalha somente para o bem. Cabe a ele a responsabilidade de afastar os maus espíritos que se apossam da alma dos índios.

"Somente o pajé pode ver, ouvir e falar com os espíritos que invadem o corpo de um guerreiro ou de qualquer integrante da tribo", afirmou.

Os feiticeiros, diz Orlando, são respeitados e temidos. Mas não exercem o mesmo fascínio do pajé nem têm o mesmo carisma do ervateiro.

Pajé e feiticeiro representam as forças do bem e do mal, o claro e o escuro, respectivamente. Já o ervateiro é o mestre das ervas medicinais das florestas e dos rios. A ele cabe a tarefa de curar as dores de ouvido, cabeça, garganta, inflamações, entre outras de natureza física. É o médico da tribo. A diferença é que ele não possui poderes sobrenaturais.

São Paulo – Fotos de Renato Soares



As crianças do Xingu (no alto) serão tema do próximo livro do sertanista Orlando Villas Bôas (acima), que está concluindo A ar e dos pajés (direita), uma viagem à sabedoria mística dos índios

Acervo ISA

JB 29/3/98 458 14 cont.

Histórias mais que fantásticas

No livro *A arte dos pajés* são narradas histórias estonteantes. Como a da onça que depois de ter matado uma criança volta para a aldeia para ser morta pelos índios. O sobrenatural neste caso está no fato de o pajé Totoporé haver dito a 30 guerreiros, prontos para caçar a fera, que ela entraria na aldeia quando o sol estivesse no meio do céu – ou seja, ao meio dia.

Dito e feito. "Foi a espera mais prolongada da minha vida. Queria puxar o sol com as mãos para que ele ficasse no meio do céu. Mas tamanha foi a nossa surpresa, minha, do Cláudio e de toda a aldeia, quando uma onça de mais de um metro e meio entrou tranqüilamente na trilha principal da aldeia, ao meio dia em ponto, com sinais de que havia participado de uma grande luta. Deitou-se e se deixou matar sem esboçar nenhuma reação, tal como havia previsto o pajé."

Há outras histórias como a do veado que foi encontrado com as quatro patas queimadas e foi poupado pelos irmãos Villas Bôas. Bastou aos irmãos deixar o animal por alguns minutos sozinho para ele desaparecer sem deixar rastros. "Ficamos tristes porque chegamos a imaginar que algum índio ou uma fera tivesse se aproveitado do nosso descuido para matar o veado."

A história não acabaria aí. Numa visita a uma aldeia, Orlando e Cláudio foram informados de que havia no local um pajé de grande sabedoria. Curiosos, os dois foram conversar com o pajé, que inicialmente se mostrou arredio. Afinal, eles não estavam precisando dos seus serviços. Mas os irmãos tanto insistiram que o pajé disse que já os conhecia:

"Foram vocês que me ajudaram quando queimei os pés na Serra do Cachimbo", disse lacônicamente. Como os Villas Bôas nunca tinham estado antes com ele, deduziram que se tratava do veadinho sumido. "Eu e o Cláudio quase caímos duro de perplexidade", conta Orlando.